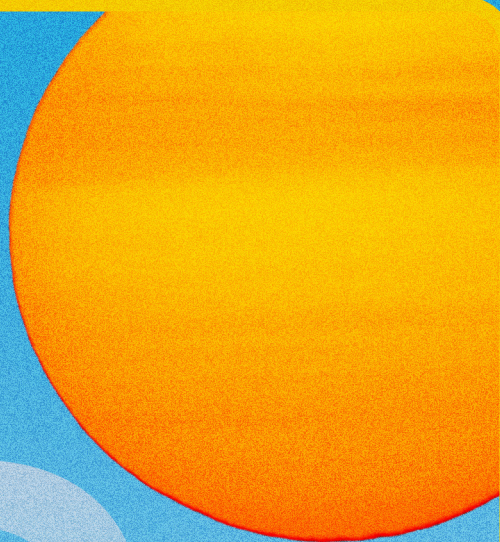


# Caeru

janeiro 002

20  
26





# Carta de abertura

---

Caro leitor,

Como criativos afeitos por novos inícios, começamos mais um ano - e, com ele, abrimos uma nova edição. Mas sem a ilusão de que janeiro inaugura tudo. Aqui, a gente acredita que cada dia nasce com um convite silencioso, e que recomeçar independe da data, mas da disposição de se ver diferente. Mudar hábitos, no fundo, é mudar de identidade, é se permitir experimentar quem se é, ou quem ainda pode ser.

O verão cria a atmosfera perfeita. Sem timidez, convida ao gesto menos contido, ao corpo que aparece, à pele que sente, à chuva que cai de repente. Irreverente como ninguém, desperta em nós a arte do improviso, que carrega em si algo profundamente criativo, e criar, como viver, é ensaio aberto.

Que abrir essa edição seja como abrir uma janela em um dia ensolarado, apresentando a luz que convida ao movimento, que aquece e revela - cada colaborador traz um jeitinho próprio de iluminar. E que acima de tudo seja um convite a experimentar-se com curiosidade, leveza e presença para que sigamos começando - hoje, e de novo amanhã, como o sol, que insiste em renascer a cada dia para que encontremos o nosso jeitinho de iluminar também!

Com carinho.

*Kahenna Ochay*



# Su ma rio

6

Expressão

14

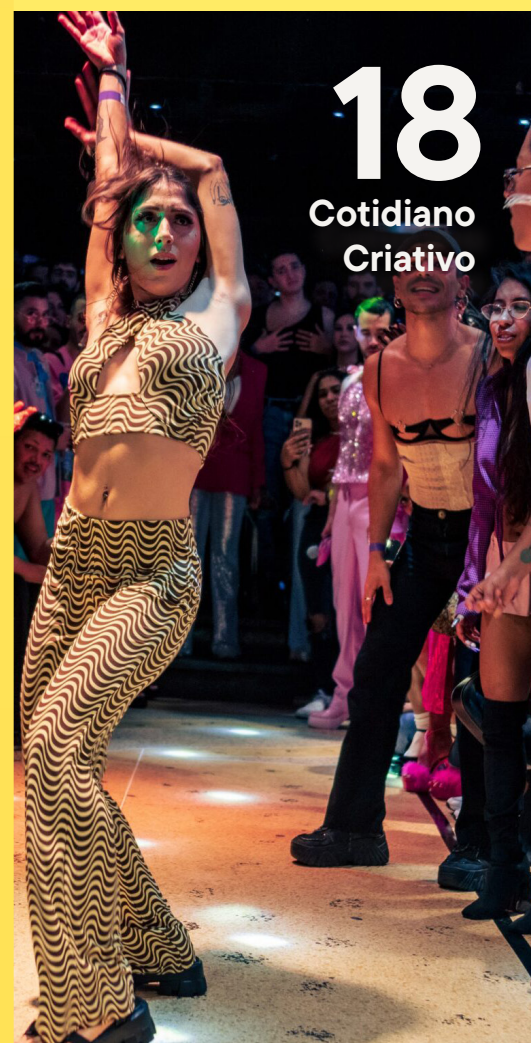
Olhar Caeru

*Exportando  
o jeitinho  
brasileiro*



18

Cotidiano  
Criativo



24

Pensar é criar



28

Inspiração





# DAFODIL

Eu vivo esperando dias melhores  
Sendo arrastado pelo Tempo em direção ao Sol  
Malditas sejam as correntes do Tempo!  
Eu vivo esperando o dia que serei para sempre  
Distante e despreocupado como o Vento

Hoje eu fumo, bebo e magoo os outros  
Eu ainda choro e repito outras coisas mais  
Hoje eu escrevo só pra mim às vezes  
Sem compromisso, sem rima  
Só pra descarregar

Hoje eu sei de tanta coisa  
Algumas eu me arrependi de ir atrás  
Não porque doeu ou algo do tipo  
Mas porque com o tempo o tempo mostra  
Que nem tudo precisa ser sabido

Eu me lembro de cada uma delas  
Cada vez que dedicaram uma música pra mim  
Como eu poderia sentir algo além de carinho?  
Ainda que cada história tenha terminado  
Todas tiveram um motivo pra ter começado

Queria eu ter certas certezas de volta  
Essas frustrações da idade me atinjem demais  
Tem memória que já não mais me conforta  
Sinto medo de me ver dizendo que tanto faz  
Nesse dia eu não sei que será de mim mais

Pegue o filtro solar  
Vejo o verão chegando





# E DIGO MAIS

*Se eu quisesse dizer eu dizia  
Eu escrevo porque não é a mesma coisa  
Sempre achei só dizer coisa muito pouca*





## DO AUTOR

A arte chegou na minha vida sem pedir licença. Veio pela curiosidade, pela brincadeira, por esse impulso de rasgar papéis só para ver o que acontecia depois. Eu não reconhecia isso como arte, era só um jeito de passar o tempo, de rearrumar o mundo com as mãos.

Tudo nascia de um lugar difícil de explicar, íntimo demais para ter nome. As colagens vieram assim, e as palavras também: como diversão, como algo que transborda do corpo e pede para virar imagem, verso, sentido novo





# TAO

Hoje eu ignoro minhas vontades com mais talento  
Tudo tem seu lugar e momento  
Não porque deve ser assim e não havia outro jeito  
Mas porque a entropia só se move numa direção em um único  
eixo  
Talvez o motivo da minha angústia seja aceitar que o feito é  
melhor que perfeito  
Eu inevitavelmente serei sempre eu aqui e agora  
Talvez eu só aceite isso porque já deu a hora  
Eu aprendi o segundo nome do Tempo  
Entropia é simplesmente a inevitabilidade de estar apenas aqui  
e agora  
Estou nostálgico hoje sentindo o fluir do vento  
Eu posso ver memórias a perder de vista quando olho pra fora



# BRAZIL CORE

*Exportando o jeitinho brasileiro*

**A**pós um longo período em que o sentimento com relação à clássica camisa brasileira era de luto por uma simbologia que havia se perdido e dado lugar à representação política de um período sombrio, uma estética surgiu nas redes e, mesmo sem querer, auxiliou no processo de transformação, recuperação

e superação desse símbolo, em um resgate da brasilidade, aos poucos reintegrando esse elemento com naturalidade à moda brasileira e causando um impacto de despolarização e reapropriação de uma identidade cultural.

O Brazilcore retorna como uma grande tendência para 2026, não só por ser ano de Copa do Mundo, mas por carregar consigo um mix de diversas características presentes em

outras tendências que estarão em alta, como a Imperfect by Design, que valoriza a presença humana no processo de criação e a organicidade - como ocorre no uso do crochê na moda praia, por exemplo; a Human Centric, que valoriza a autenticidade presente em nosso maximalismo; e a Athleisure, que combina peças esportivas com lazer, a cara do Brasil.

**P**ara além de estética e moda, o Brazilcore é um movimento cultural que vem, graças à globalização, exportando elementos de brasilidade, como as camisas da seleção e as clássicas sandálias Havaianas, que

ocupam atualmente o topo da lista de itens mais desejados no mundo. A estética valoriza elementos do streetwear brasileiro, oriundos da cultura popular e periférica, em um mix de urbano, esportivo, vibrante e natural.

Claramente, existem questões a se analisar criticamente a respeito da necessidade de uma chancela estrangeira para a valorização interna das nossas características, principalmente quando falamos de uma cultura popular sendo exaltada em grande contradição com o que acontece dentro do país. Mas, para além do complexo de vira-lata, é necessário refletir sobre a elitização das caracterís-







ticas populares para que não virem estereótipo — nesse caso, em ambos os contextos, dentro e fora do país. Surgem também debates acerca de apropriação cultural e representatividade, considerando o país continental que somos e as mais diversas culturas nele existentes.

**V**iver no Brasil é conviver com contrastes estruturais: um país de enorme riqueza natural, diversidade cultural e potência criativa, mas marcado por desigualdades históricas e má distribuição de oportunidades. É nesse cenário que se desenvolve um modo singu-

lar de existir. Aprendemos a driblar obstáculos com criatividade, a transformar limitações em linguagem e a produzir soluções fora dos padrões estabelecidos.

Se por um lado há potência criativa e identidade, por outro ainda persiste a percepção de que aquilo que vem de fora é superior, o que dificulta o reconhecimento da moda e da cultura brasileira como referências legítimas no cenário global.

O chamado jeitinho brasileiro, por muito tempo reduzido a estereótipos e leituras simplificadas, pede hoje uma revisão mais aten-

ta e menos moralizante. Mais do que improvisado ou informalidade, ele pode ser compreendido como uma habilidade social construída a partir da adversidade, uma forma particular de adaptação à realidade brasileira.

Esse repertório cultural encontra na moda uma de suas expressões mais evidentes. O vestir brasileiro carrega espontaneidade, mistura e liberdade, recusando rigidez e fórmulas prontas. Camisas de futebol ressignificadas, o uso expressivo da cor, o artesanato reinterpretado e a convivência entre o popular e o contemporâneo revelam uma moda que nas-

REVISTA CAERU

ce da vivência, não da imposição. Nas redes sociais, essa energia tem sido traduzida pelo termo “o molho”, uma qualidade difícil de definir, mas facilmente reconhecível, presente na naturalidade dos gestos, no corpo em movimento e na forma de se expressar.

**C**oncomitantemente à exportação da estética, surge a curiosidade por esse país que tem ganhado o cenário internacional. Ainda no aspecto cultural, destacam-se a música brasileira — principalmente o funk — e outras manifestações artísticas, como o cinema. Artistas brasileiros têm, cada vez mais, integrado grandes produções internacionais, e os filmes nacionais têm ocupado espaço em grandes premia-

ções, ganhando o reconhecimento merecido e demonstrando o soft power brasileiro.

Mais do que uma tendência estética, o Brazilcore se consolida como um movimento simbólico que reposiciona nosso país no imaginário global a partir de sua própria narrativa. Ao ressignificar símbolos, valorizar a criatividade popular e projetar sua cultura para além das fronteiras, o Brasil não exporta apenas estética, mas uma forma afetiva e singular de se relacionar com o mundo. Entre moda, comportamento e identidade, o Brazilcore revela que o verdadeiro soft power brasileiro não está na imposição de tendências, mas na capacidade de despertar identificação, desejo e pertencimento por aquilo que nasce da vivência e da pluralidade cultural que nos constitui.







# Trajetória Ballroom

## de Luiza a Safira

A cultura ballroom é arte, resistência e família escolhida, ela nasce da necessidade de sobreviver, existir e brilhar quando o mundo dizia “não”. É sobre não pedir licença para existir. A ballroom surge nos Estados Unidos, principalmente em Nova York, em 1972, criada por pessoas negras e latinas LGBTQIAPN+ que eram excluídas, vítimas de preconceito. Ganhou mais destaque nos anos 1980/1990 e a partir dos anos 2000 se espalhou pelo mundo. Porém, apenas em 2010 começou a se estruturar, de fato, em solo brasileiro.

As balls são os bailes que permitem a celebração e performance da identidade dessas pessoas, para que possam competir e serem vistas em um lugar seguro.

As houses são as casas que representam a família que acolhe e orienta. Funcionam como espaço de sobrevivência social e emocional, inclusive para quem foi expulso ou não tem apoio. Toda house tem um nome; mother ou father, que são os mentores ou representação de liderança; e os membros são os filhos da house, intitulados children, que treinam juntos, competem

em balls e representam o nome da house.

Há também os titles, títulos concedidos a pessoas que se destacam e contribuem ativamente na cena. Um title vem da comunidade. Princess/Prince são internos de house indicando destaque dentro da família. Outros títulos de reconhecimento comuns no Brasil são: Statement, Legend e Icon (o topo), estes ultrapassam os limites da house.

Luiza Vida é dançarina e produtora cultural na cena Ballroom, também conhecida como SAFIRA - sua persona - integrou o coletivo MG Ballroom, a Pioneer Kiki House of Avalanx e a Iconic House of Ninja, e é reconhecida pela sua comunidade com título de Statement pelas suas contribuições. Começou a dançar em 2010 com ballet clássico e posteriormente iniciou sua trajetória nas danças urbanas, onde permaneceu até 2014 quando por um problema no joelho, necessitou de uma pausa de 4 anos para se recuperar e retomar as atividades.

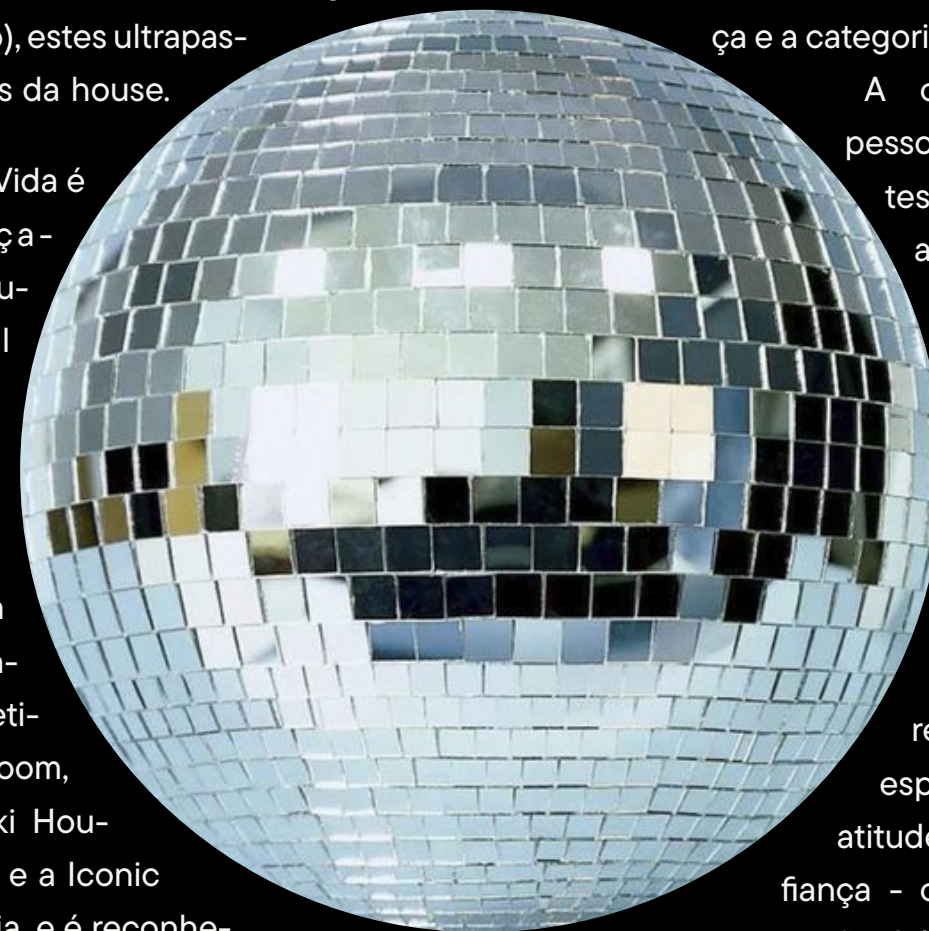
Em 2018, no evento Palco Hip Hop, conheceu a cena ballroom e o vogue. O que

mais a cativou foi ver a diversidade de corpos e identidades - mulheres cis, pessoas não binárias, pessoas pretas e pessoas trans - se expressando livremente por meio da dança, da corporeidade, da sexualidade e da própria realidade. Na cultura ballroom, essa vivência não é apenas permitida, mas central: a performance valoriza a verdade de quem dança e a categoria que se defende.

A comunhão entre pessoas tão diferentes, a musicalidade, a condução das performances e o fato de dançarem simultaneamente criaram uma experiência inédita. Acima de tudo, a ballroom se revelou como um espaço de liberdade, atitude, presença e confiança - onde, mesmo em

competição, há união. Nenhuma

outra dança havia provocado essa sensação. Luiza afirma se sentir pertencente apesar da formação histórica desse movimento, entre pessoas pretas e pertencentes à comunidade LGBTQIAPN+, mesmo sendo uma mulher branca cisgênero. Segundo ela, a comunidade ballroom acolhe todes que estejam dispostos a somar e respeitar a estrutura já existente. Pessoas brancas são convidadas a ocupar esse espaço como aliadas. E como mulher cis, encontrou na ballroom





um espaço para expressar sua feminilidade de forma livre e segura, algo que não vivenciava nas danças urbanas, marcadas por machismo, objetificação e pouco reconhecimento do talento feminino. Ao perceber que outras mulheres compartilhavam desse sentimento, sentiu pertencimento. Embora mulheres brancas cis não estejam no centro da origem do movimento, elas podem integrar Houses, contribuir e ser acolhidas, desde que atuem de forma consciente, alinhadas às pautas e respeitando quem é o foco e a base dessa cultura e realizando a manutenção da segurança desse espaço para que as pessoas continuem se sentindo vistas, acolhidas, amadas e possam criar laços e crescer dentro das suas performances e carreiras.

*“Me sinto reconhecida nesse lugar porque antes fui uma pessoa que se dispôs a estudar, a aprender e a somar com a comunidade. Então, se ocupei o lugar de Mother e de Princess, é pela humildade de saber chegar e de aprender com as pessoas sabendo que mesmo que não seja uma cultura alinhada com as minhas vivências, sou bem vinda se entendo meu lugar e o intuito da comunidade de ampliar outras vozes.”*

Fazer parte desse movimento mudou completamente sua vida, possibilitou crescimento pessoal, profissional e artístico e proporcionou conexões transformadoras, amizades que são família e momentos imprescindíveis em sua vida.

*“Não sei como seria minha vida se eu não tivesse*

*ido nesse evento, nesses primeiros treinos, mantido a constância e vontade de estar dentro da cultura, fomentar e viver isso de fato, porque é um movimento que se propõe a ser tudo o que ele é. Então, se houver dedicação, estudo, vontade de somar, compartilhar e crescer junto com as outras pessoas que fazem parte da comunidade, a comunidade vai te proporcionar isso. Foi isso que ela me proporcionou.”*

A cena ballroom de Belo Horizonte tem grande relevância e impacto na cena nacional, é considerada uma das primeiras do Brasil e é frequentemente apontada como o local onde aconteceu a primeira ball. Em 2018, quando entrou na comunidade, a cena ainda era pequena, mas muito unida, com treinos e encontros regulares, apesar da escassez de eventos por falta de estrutura e conhecimento. Hoje, a cena cresceu significativamente, reunindo muitas pessoas, incluindo pessoas trans que se desenvolveram e transicionaram dentro da comunidade, reforçando a importância da cena ballroom para a população LGBTQIAPN+ da cidade. A cena é plural, forte e formada por pessoas talentosas de diferentes regiões e áreas, o que a torna especialmente rica. Além disso, destaca-se como uma das cenas mais unidas do Brasil, marcada por consideração e respeito mútuo. Atualmente, ocupa diversos espaços com projetos, aulas, balls e rodas de conversa, e se afirma como uma cultura que merece ser conhecida por todes.

*“Se você nunca foi a uma ball, deveria ir para sentir a energia e entender como e por que ela acontece.”*







Luiza ressalta que a cultura ballroom é muito mais ampla e complexa do que o que os documentários conseguem mostrar, exigindo um olhar cuidadoso, especialmente por estar profundamente ligada às vivências de pessoas trans. No Brasil, a ballroom acontece de forma diferente de outros países, adaptada às particularidades culturais e regionais e às experiências locais. Reconhecer essa complexidade é fundamental, pois a ballroom é um sistema com regras, histórias e pessoas que a construíram no passado, e é importante valorizá-las ao mesmo tempo em que é essencial valorizar quem a constrói no presente. A ballroom não é só feita do Vogue. O vogue é a dança que nasceu dentro da cultura ballroom. Então, pessoas que não se sentem confortáveis nesse lugar, podem se encontrar em outras categorias, como beleza, realidade (realness), moda e performance.

Texto de Kahenna Ochay, baseado em entrevista com Luiza Vida

*“É uma comunidade muito ampla com espaço para vários tipos de talentos serem explorados para além do Vogue que é o expoente mais famoso da cultura ballroom. Caso queira chegar junto mas ache que não é pra você, porque você não dança, talvez tenha espaço para o seu talento - seja na música, na produção, como DJ, fotógrafo, filmmaker ou como commentator, responsável por conduzir e comentar as performances durante o ball.”*

Conhecer a cultura ballroom é se permitir estar com o olhar atento, o corpo e a mente abertos, deixando que a energia do encontro conduza a experiência. É observar, sentir, reconhecer histórias em movimento e perceber que ali existe resistência, força, beleza e verdade representando um movimento cultural, artístico e político.





# O ano muda, a gente não.

— e o que o desejo tem a ver com isso?

Foto: unsplash.com | kashish-lamba

Todo início de ano costuma vir acompanhado de um mesmo ritual: retrospectivas, balanços, promessas, metas, tabelas coloridas e planners recém-comprados. A mudança do calendário traz a expectativa de que algo também deveria mudar em nós — como se virar o ano fosse suficiente para reorganizar a vida. Entre fogos, abraços e votos de felicidade, instala-se uma

cobrança silenciosa: fazer mais, acertar mais, avançar. Mas, passada a euforia inicial, muitos se dão conta de que o ano mudou... e a gente não tanto assim.

Essa lógica não é nova. Ela apenas ganha mais força nesse período, transformando o início do ano em uma espécie de prestação de contas subjetiva. O que foi feito, o que faltou, o que

deveria ter acontecido. A fantasia é a de que existir implica acertar — e que o novo ano traria, enfim, a chance de corrigir aquilo que não funcionou antes.

Mas, se olharmos por uma lente psicanalítica, algo nessa engrenagem não se sustenta. Não porque metas sejam inúteis — para alguns, elas ajudam mesmo —, mas porque a vida sub-

— “O ano vira, mas o desejo não recomeça.”

Foto: unsplash.com | marcos-paulo-prado



jetiva não opera na lógica da produtividade. O sujeito não se organiza por tabelas, mas por desejo. E o desejo, como bem sabe qualquer um que já tenha se escutado com um pouco mais de atenção, não se deixa capturar por listas de tarefas nem por resoluções de janeiro.

**N**a psicanálise, desejo não é sinônimo de vontade consciente nem de objetivo racional. Não se trata de “o que quero alcançar neste ano”, mas daquilo que, em cada um, insiste como falta, como motor, como causa. O desejo não aparece quando decidimos mudar, mas quando percebemos o que nos move apesar das tentativas de controle. Ele escapa às pro-

messas bem-intencionadas, não obedece à disciplina das metas e não se reorganiza porque o calendário virou.

Talvez por isso a virada do ano seja tão angustiante para tantas pessoas. Porque, junto com a expectativa de recomeço, reaparece a sensação de que deveríamos ser outros — mais resolvidos, mais produtivos, mais alinhados a um ideal de sucesso. A repetição das promessas revela menos um fracasso pessoal e mais uma insistência estrutural: a de tentar responder a uma exigência externa, como se o problema estivesse apenas na falta de esforço.

Mas e se a pergunta estiver mal colocada?

Em vez de “o que eu preciso fazer diferente neste ano?”, talvez fosse mais interessante perguntar: o que em mim continua insistindo, apesar de tudo o que já tentei fazer? Aqui, a lógica muda. Saímos do campo do acerto e entramos no campo do desejo.

**N**a clínica, é comum observar que as transformações mais importantes não surgem quando alguém define metas claras, mas quando começa a se escutar. Escutar o que retorna como repetição, o que causa sofrimento, o que parece não se encaixar nos planos, mas insiste em aparecer. A psicanálise não trabalha com a ideia de recomeço absoluto — porque o sujeito não começa do zero —, mas

com a possibilidade de produzir algum deslocamento a partir daquilo que se repete.

**T**alvez por isso tantos prometam e poucos consigam sustentar suas promessas. Não por falta de caráter ou disciplina, mas porque prometer pertence ao campo do ideal; desejar pertence ao campo do sujeito. A promessa costuma ser feita para um Outro — a sociedade, a família, a imagem de quem gostaríamos de ser. O desejo, ao contrário, não se orienta pelo acerto nem pela aprovação: ele aponta para o que é singular, muitas vezes incômodo, e nem sempre socialmente valorizado.

No fundo, a diferença entre metas e desejo é sim-

ples: metas organizam a ação; o desejo orienta a existência. O problema não é planejar o ano, mas acreditar que a vida precisa se justificar a cada virada. O sujeito não é um projeto com prazo de entrega. A repetição não é um erro a ser corrigido rapidamente, mas um sinal de algo que ainda não foi escutado.

Talvez, então, o convite deste início de ano possa ser menos performático e mais ético consigo mesmo: menos listas, mais perguntas; menos cobrança, mais escuta; menos pressa para acertar e mais disposição para compreender o que insiste. Isso não exclui sonhos, decisões ou mudanças. Pelo contrário: quando não estão

a serviço da fantasia do acertar, eles se tornam mais possíveis e menos opressivos.

**P**orque, no fim das contas, o ano vira, mas o desejo não recomeça. Ele segue ali, operando, mesmo quando tentamos silenciá-lo com promessas. A única questão que realmente importa não é o que precisa ser feito, mas o que, em cada um, está disposto a ser escutado no tempo que se inicia. Ou seja, não mudamos com o ano novo! A não ser que se faça operar o Desejo, colocando na nova cena, aquilo que em cada um se movimenta como enquanto causa.

— “*O sujeito não se organiza por tabelas, mas por desejo.*”



# A DAMA COM GARRAS DE VELUDO

Lygia Fagundes Telles (1918-2022) é, sem sombra de dúvidas, minha escritora brasileira favorita. Foi uma das mais importantes romancistas do século XX, tendo em seu repertório livros como “As meninas” (1973) e “Ciranda de Pedra” (1954). Com sua escrita dinâmica, profunda, rica em detalhes e nuances, têm em suas histórias e principalmente em seus contos, o sabor da surpresa, do tesão, do medo, da fragilidade humana e as belezas contidas em tudo isso.

Em “Antes do Baile Verde” (1970), uma coletânea que reúne dezoito contos que vão do terror à paixão desenfreada, ela mostra a que veio, demonstrando o talento inenarrável que possuía. A ambientação das histórias

ocorre principalmente em casas e famílias de classe média das décadas de 1970 e 1980. Algo que mostra, em muitos casos, como a classe média brasileira tem tempo de ser básica, medíocre e que quando percebe-se afrontada com os dilemas da vida prefere banhar-se de perfume europeu, dar ordens aos empregados ou sair pra dar uma volta na areia da praia do que encarar seus dilemas, pois uma característica recorrente em seus contos, é a complexidade de seus personagens em suas questões emocionais e amorosas, mas também completamente aquém do mundo e da sociedade onde estão inseridos. Os diálogos mostram que para os protagonistas nada mais importa, apenas a realização do desejo.

Suas histórias começam de maneira singela, sempre de um lugar tranquilo, mas nota-se uma tensão contínua no ar, como se houvesse um segredo que todos sabem, mas ninguém tem coragem de lavar a roupa suja. O clímax é construído palavra a palavra, sem pressa. Como disse Antônio Dimas na edição em que tenho (19ª edição – Companhia das Letras, 2020), “[...] Ela

é como um gato que anda sem fazer barulho algum, com garras de veludo, só que ao pular em você não tem pena de cravar-lhe elas [...]. Mas não se engane: tudo sem estardalhaço, tudo no silêncio; tendo no final aquele plot-twist que ficamos por minutos parados tentando trazer a cabeça de volta ao lugar, não se consegue rir, chorar ou gritar, só ficar parado, pensando e repensando nas coisas que foram feitas ou nas que deixaram de ser feitas

para que o fim pudesse ser diferente, mas finalmente chegando à conclusão de que nós mesmos não faríamos diferente das personagens. Esse é seu principal efeito, somos confrontados com nós mesmos e nossas atitudes.

Dos contos contidos no livro quero destacar meus favoritos e acredito que podem ser o da maioria de meus queridos leitores também: Meia noite em Xangai, O jardim Selvagem, Natal na Barca, A ceia, Venha ver o pôr do Sol e O menino. Contos que passeiam entre o terror psicológico e a complexa relação entre pais e filhos.

Li esse livro muitas vezes desde que eu assisti a uma resenha sobre ele em um canal literário na internet e todas as vezes sou pego de surpresa: fico com frio na barriga e sinto exatamente as mesmas emoções da primeira vez. Torço para que você dê uma chance para a Dama da Literatura Brasileira, suas palavras são simples, mas carregadas de com-

plexidade e paixão. Para alguns uma escrita datada, mas que te transporta à um tempo em que as imagens eram poucas e as palavras eram o que a maioria das pessoas podiam acessar. Que ela crave suas garras na sua alma e não tire mais como fez comigo.





# Colaboradores

## desta edição



### Carlos Rocha

*Editor-chefe e diretor criativo*

Formado em Moda, com pós-graduação em Comunicação e Marketing em Mídias Digitais. Uma alma impetuosamente criativa, movida por design e cultura.



### Kahenna Ochay

*Editora-chefe e curadora*

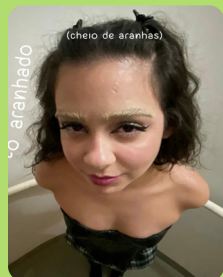
Comunicadora social e publicitária apaixonada por astrologia, linguagem e pelas pequenas belezas da vida. Metade razão, metade poesia



### TCS

*EXPRESSÃO*

Poeta, fotógrafo e designer nas horas úteis. Faço arte como quem faz uma tatuagem, pra registrar e admirar com o tempo. Sou uma confraria de vivências muito particulares que podem ser brevemente observadas no que eu faço pra respirar.



### Daniela Diniz

@souldaselva

Nascida no Pará, vive em BH desde os oito anos. É formada em Pedagogia e professora da Educação Infantil, onde aprende diariamente a olhar o mundo com curiosidade e encanto. Entre colagens, palavras e rasgos de papel, a arte surge como jogo e poesia do cotidiano — um jeito atento e divertido de criar e existir.



### Kiara Almeida

@kiara.allmeida

*OLHAR CAERU*

Social media e designer gráfica, com formação também na área da moda, desenvolve seu trabalho a partir da interseção entre comunicação, cultura visual e análise criativa, com um olhar esteticamente apurado e mantendo uma relação constante com as linguagens da moda e as tendências de comportamento.



### Luiza Vida

@luiza\_vida

*COTIDIANO CRIATIVO*

Dançarina, iniciou sua trajetória nas danças clássicas e, posteriormente, nas danças urbanas, aprofundando-se na cultura ballroom, onde atua como produtora cultural e possui o título de Statement. Possui experiência em direção de movimento, atuação como mestre de cerimônias, oficina, jurada, bailarina, tradutora e palestrante.



### Hebert Souza

@bettoosouza

*PENSAR É CRIAR*

Psicólogo na Atenção Primária do SUS-BH e psicanalista em consultório particular. Mestre em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência pela UFMG e especialista em Gestão Pública Municipal pela UEMG. Atua como docente em pós-graduação e integra os Núcleos de Pesquisa em Psicanálise, Psicose e Saúde Mental do IPSM/EBP-MG.



### Henrique Reis

@henriquereisreal

*INSPIRAÇÃO*

Vinte e seis aninhos de muitas aventuras, belo-horizontino de coração e metropolitano de nascimento. De humanas e das exatas, amante da arte em geral. CLT de segunda a sexta e menino da noite nos fins de semana. Graduado em Processos Gerenciais, encantado por BH, suas histórias, suas curvas e seu povo.



# Caeru

@revistacaeru

revistacaeru.com.br

revistacaeru@gmail.com